

# VERSOS PÓS-COLONIAIS: MANIFESTAÇÕES POÉTICAS EM SÃO TOMÉ E PRÍNCIPE

Anselmo Peres ALÓS\*

- **RESUMO:** Este artigo pretende analisar alguns aspectos da poesia de São Tomé e Príncipe, particularmente os trabalhos de Francisco José Tenreiro, Alda do Espírito Santo e Maria Manuela Margarido, vozes fundacionais no que diz respeito à literatura desse país. Realiza-se aqui uma reflexão sobre a questão da memória e do imaginário pós-colonial no campo da escritura poética. Busca-se compreender de que maneira a poesia pode colaborar para uma descolonização do imaginário nas literaturas das ex-colônias portuguesas, dando particular atenção ao caso de São Tomé e Príncipe. Os aspectos dialógicos entre margens e centro no que diz respeito à poesia africana escrita em português são também observados em suas relações com as contingências do mundo pós-colonial.
- **PALAVRAS-CHAVE:** São Tomé e Príncipe. Literatura. Poéticas fundacionais. Pós-colonialismo. Lusofonia.

O despontar das literaturas africanas de expressão portuguesa não pode ser devidamente compreendido sem que se faça menção ao processo histórico que possibilitou a sua origem: a expansão do Império lusitano mediante as grandes navegações que tiveram início no século XIV, as quais se iniciaram com a rota pela África, e depois se estenderam rumo a Ásia, Oceania e Américas. Em nome da expansão da fé cristã em um mundo dominado pela barbárie, os portugueses exerceram uma das maiores empreitadas de imperialismo e dominação cultural da história ocidental. Mesmo na epopeia camoniana, é possível vislumbrar como a cultura foi colocada a serviço da justificação da missão civilizadora do colonialismo lusitano, de maneira metafórica, como no episódio do Gigante Adamastor, descrito no Canto V, no qual os portugueses vencem o gigante em razão de uma torção que fazem na própria retórica de Adamastor. Paradoxalmente, será por meio da retórica do lirismo que se textualizam as primeiras manifestações do veio nacionalista nas ex-colônias portuguesas.

De acordo com Manuel Ferreira (1977, p.8), a chegada dos portugueses à Foz do Zaire ocorre em 1842, e a fundação do primeiro vilarejo em África se dá em

---

\* UFSM – Universidade Federal de Santa Maria. Centro de Artes e Letras – Departamento de Letras Vernáculas. Santa Maria – RS – Brasil. 97105-900 – anselmoperesallos@yahoo.com.br

1575: São Paulo de Assunção de Loanda, hoje Luanda, capital de Angola. Todavia, os navegadores portugueses já haviam abarcado em Cabo Verde em 1460, e em São Tomé e Príncipe em 1470. A chegada a Moçambique ocorre apenas mais de vinte anos depois, em 1498. Entretanto, a produção literária impressa inicia-se muito mais tarde, apenas nos anos 40 do século XIX, com a instalação do primeiro prelo. As primeiras máquinas de imprensa foram instaladas nas ex-colônias portuguesas nas seguintes datas: em Cabo Verde, no ano de 1842; em Angola, no ano de 1845; em Moçambique, no ano de 1854; em São Tomé e Príncipe, no ano de 1857; e em Guiné-Bissau, no ano de 1879 (FERREIRA, 1977, p.94). Entre as primeiras obras impressas em África em língua portuguesa, cabe registrar o livro *Esportaneidades da minha alma* (1849), do angolano José da Silva Maia Ferreira, considerado o primeiro livro impresso na África lusófona.<sup>1</sup>

Manuel Ferreira distingue dois momentos precisos da produção literária nas ex-colônias portuguesas: a **literatura colonial** e a **literatura africana de expressão portuguesa**. No primeiro grupo, estariam incluídas as obras que, mesmo tendo sido escritas por africanos e publicadas em África, não refletem o espaço cultural africano. Pelo contrário, essas obras, marcadas por um etnocentrismo de matriz europeia, reiteram os mitos da supremacia da raça branca e da inferioridade da raça negra, abonando a “missão civilizadora” dos portugueses em África:

A literatura africana chama a si mais de um século de existência. Este longo período de mais de um século de actividade literária está, porém, contido em duas grandes linhas: a **literatura colonial** e a **literatura africana de expressão portuguesa**. A primeira, a literatura colonial, define-se essencialmente pelo facto de o centro do universo narrativo ou poético se vincular ao homem europeu e não ao homem africano. No contexto da literatura colonial, por décadas exaltada, o homem negro aparece como que por acidente, por vezes visto paternalisticamente e, quando tal acontece, é já um avanço, porque a norma é a sua animalização ou coisificação. O branco é elevado à categoria de herói mítico, o desbravador das terras inóspitas, o portador de uma cultura superior. (FERREIRA, 1977, p.10, grifo do autor).

A chamada “literatura colonial”, relativa às nações africanas de língua oficial portuguesa, não deve ser considerada como expressão literária nacional legítima, a não ser na forma de antecedente histórico do fenómeno literário em Moçambique, Angola, Cabo Verde, São Tomé e Príncipe e Guiné-Bissau, que nessa época ainda eram territórios ultramarinos sob a jurisdição de Portugal. Essas manifestações literárias, escritas majoritariamente por portugueses, brancos ou mestiços, não instauram um imaginário africano local, mas sim um imaginário português com relação aos territórios sob o jugo colonial: “esta literatura, nascida de uma

---

<sup>1</sup> Da primeira edição deste livro, são conhecidos dois exemplares: um está na New York Public Library; o outro, na Biblioteca da Companhia de Diamantes de Angola.

experiência planetária, em uma época em que o mundo cristão reconhecia o direito à dominação, à depredação e até à barbárie (a cruz numa mão, e a espada noutra) nada tem a ver com a literatura africana de expressão portuguesa” (FERREIRA, 1977, p.8). Mais apropriado, talvez, seria incluir essas produções no rol da literatura de viagem dentro do sistema literário português.

A título de exemplo, pode-se elencar, entre tais obras, *Os sertões d’África*, de Alfredo de Sarmiento (1880); *Nova largada*, de Augusto Casimiro (1929); *Almas negras*, de João de Lemos (1937); *Ana a Calunga*, de Hipólito Raposo (1926); *A primeira viagem*, de Maria da Graça Freire (1952); *Sangue cuanhama*, de António Pires (1949); e *Roteiro de África*, de José Osório de Oliveira (1936). De acordo com Manuel Ferreira, entretanto, tais obras não são dignas da atenção da crítica literária:

Hoje, não há lugar para dúvidas: muitas dessas obras estão condenadas ao esquecimento, salvando-se aquelas que, apesar de prejudicadas pelas contingências de uma época e de uma mentalidade coloniais, evidenciam contudo um certo esforço humanístico e uma real qualidade estética. Mas, no conjunto, a história vai ser de uma severidade implacável e arrumará a quase totalidade desta literatura no discurso da acção colonizadora ou no nacionalismo imperial, saudosista e deslumbrado. (FERREIRA, 1977, p.12-13).

Ao contrário dos temas abordados pela literatura colonial, as primeiras manifestações da poesia de São Tomé e Príncipe são fortemente marcadas por uma tendência de resistência ao jugo colonial português. Embora a literatura de São Tomé e Príncipe seja uma das menos estudadas no conjunto das literaturas africanas lusófonas, cabe reservar um lugar de destaque a Francisco José Tenreiro, um dos primeiros poetas do mundo lusófono africano a tentar recuperar a voz e a cultura autóctones dos africanos em seus versos, ainda que, para tanto, utilizasse a língua do colonizador europeu.

A República de São Tomé e Príncipe está localizada situada na costa oeste africana, no Golfo da Guiné, com uma área de aproximadamente 1.001 quilômetros quadrados e uma população de cerca de 74 mil habitantes. Trata-se de uma jovem e pequena nação (independente desde 1975) cujo território é constituído por duas ilhas vulcânicas (São Tomé e Príncipe), por dois ilhéus (denominados Ilhéu das Rocas e Ilhéu das Cabras, e ainda por dois penedos desabitados, as “Pedras Tinhosas” (Tinhosa Grande e Tinhosa Pequena). Trata-se de um pequeno país agrário, produtor de banana, coco, azeite de dendê e cacau. A pesca também sempre foi uma atividade de grande importância. Tal como ocorre na literatura cabo-verdiana, a condição insular é uma das determinantes que recorre a obra de muitos dos poetas desse arquipélago.

A primeira obra literária publicada em português da qual se tem conhecimento, e que está relacionada com São Tomé e Príncipe, é o livro de poemas *Equatoriaes* (1896), do poeta português António Almada Negreiros (1868-1939), que ali viveu

muitos anos. De acordo com Manuel Ferreira, os primeiros indícios de produção poética de veio nacionalista estão associados, nas nações africanas de expressão portuguesa, com os seguintes marcos fundadores, embora já houvesse, na maior parte dessas nações, a presença da literatura colonial:

Ora, os fundamentos irrecusáveis de uma literatura africana de expressão portuguesa vão definir-se, com precisão, deste modo: *a)* – em Cabo Verde a partir do revista *Claridade* (1936–1960); *b)* – em S. Tomé e Príncipe com o livro de poemas *Ilha de nome santo* (1943), de Francisco José Tenreiro; *c)* – em Angola com a revista *Mensagem* (1951–1952); *d)* – em Moçambique com a revista *Msaho* (1952); *e)* – na Guiné-Bissau com a antologia *Mantinhas para quem luta!* (1977). (FERREIRA, 1977, p.32).

O poeta são-tomense Francisco José Tenreiro, ademais de ser um marco na literatura de seu país, é também credenciado como o primeiro poeta africano de língua portuguesa a refletir, em sua produção literária, elementos advindos do movimento da negritude. Francisco José Tenreiro nasceu na ilha de São Tomé, de onde partiu para estudar em Lisboa. Tenreiro chega em Lisboa em um momento histórico no qual os ecos da *négritude*, advindos dos Estados Unidos e da França, começavam a influenciar a produção poética dos emigrantes vindos das colônias africanas. Entre suas obras, destacam-se *Ilha do nome santo* (1942); *Obra poética*, que inclui os poemas de *Ilha do nome santo* (1967); e o livro *A ilha de São Tomé: estudo geográfico* (1961). A *Obra poética* foi reeditada, em 1982, com um novo título: *Coração em África*. Em parceria com o angolano Mário Pinto de Andrade, publica, em Lisboa, o volume *Poesia negra de expressão portuguesa* (1953).

Mário Pinto de Andrade descreve Tenreiro como um dos representantes da primeira fase do que chama de a “moderna poesia africana de escrita portuguesa”, na qual se vislumbra a presença de ecos da negritude e do pan-africanismo (ANDRADE, 1975, p.7). No contexto do projeto poético de Francisco José Tenreiro, a negritude não se define como uma busca por uma suposta identidade nacional são-tomense, mas pela busca de uma estética transnacional de matriz africana cuja principal característica é a busca pela ruptura com os temas e modelos poéticos consagrados pela estética eurocêntrica.

A presença da estética da negritude na poesia de Tenreiro o coloca, de partida, em um complexo jogo de relações textuais, uma vez que a poética da negritude teve uma gênese disseminada pela América, pela Europa e pela África. Cite-se, a título de ilustração, as reflexões desenvolvidas por Léopold Sedar Senghor (Senegal), por Emilio Ballagas e por Nicolás Guillén (Cuba), por Aimé Césaire (Martinica) e por Léon Damas (Guiana Francesa), apenas para ficar em uns poucos exemplos. Entre escritores e pensadores de origens tão diversas, é possível encontrar, como denominador comum, a reivindicação pela legitimação da voz dos africanos

diaspóricos que se propõem a realizar suas próprias leituras e interpretações do mundo, utilizando-se para tanto de procedimentos epistemológicos não reconhecidos pelos esquemas de compreensão socioculturais etnocêntricos. A revalorização do negro pode ser mapeada em razão dos consequentes ideogramas projetados nos textos ficcionais de Tenreiro. Dito de outra forma, o que importa aqui não é a enunciação de **um discurso sobre o negro**, mas de um discurso que seja **produzido pelo sujeito social negro**. Nessa busca estética, ganha espaço a busca de temas da África ancestral, uma espécie de “terra prometida” para os intelectuais afrodescendentes da diáspora negra.

Essa busca temática não subsume, entretanto, toda a estética da negritude. Também é constante uma espécie de arqueologia na qual são denunciados os abusos, as atrocidades e as arbitrariedades sofridos pelos negros em razão dos regimes escravocratas colonialistas:

O sol golpeia as costas do negro  
e rios de suor ficam correndo.  
Ardor!  
O machim golpeia o pau  
e rios de seiva escorrendo.  
Ardor!  
Os olhos do branco  
como chicotes  
ferem o mato que está gritando [...]. (TENREIRO, 1982, p.86).

Pode-se notar a denúncia dos trabalhos forçados como forte característica a denunciar a poética de Tenreiro como uma poética de denúncia e resistência. Esse elemento, quando analisado em conjunto com a eleição do negro como personagem a ser liricamente construído em seu discurso poético, inscreve a lírica de Tenreiro em um conjunto amplo de textos de resistência anticolonialista que começa a ganhar espaço nas páginas literárias das décadas de 1940 e 1950 em todo o mundo luso-africano. Há também, nos poemas de Tenreiro, a presença de um sorriso de escárnio a funcionar como resistência aos estereótipos raciais:

Ah!  
Mas eu não me danei...  
e muito calminho  
arrenpanhei o meu cabelo para trás  
fiz saltar fumo do meu cigarro  
cantei do alto  
a minha gargalhada livre  
que encheu o branco de calor!...

Mestiço!  
Quando amo a branca  
sou branco...  
Quando amo a negra  
sou negro.  
Pois é [...]. (TENREIRO, 1982, p.61).

O jogo com os estereótipos raciais na hierarquia social é também retratado na enunciação de uma *persona* mulata assumida pelo poeta. Em vez de subsumir sua identidade a um lugar proscrito, o discurso poético valoriza o sujeito mulato, híbrido por excelência, colocando-o em um **entrelugar** cultural estratégico que permite, na vida cotidiana, tirar proveito dessa condição mediante um facilitado trânsito entre dois espaços sociais marcados pela diferença étnico-racial. Tal como sugere Homi Bhabha (1998, p.198-207) em *O local da cultura*, o entrelugar construído pela enunciação poética de Tenreiro dialoga concomitantemente com o âmbito do **pedagógico**, que traz ecos das tradições estabelecidas, e do **performativo**, instância na qual a linguagem proferida busca interferir no campo das produções simbólico-culturais, instaurando uma temporalidade ambivalente.

O u t r o nome importante da poesia são-tomense é o de Alda do Espírito Santo. Nasceu em 1926, e estudou em Portugal, tendo posteriormente regressado a São Tomé, onde trabalhou como professora primária. Posteriormente, foi ministra da Cultura e da Informação, após a independência de São Tomé e Príncipe, chegando até mesmo a ocupar a presidência da Assembleia Nacional. Faleceu em 2010. Publicou dois volumes de poesias: *O jogral das ilhas* (1976) e *É nosso o solo sagrado da Terra* (1978). Ela é também autora do Hino Nacional de São Tomé e Príncipe, intitulado “Independência total”, e musicado pelo compositor brasileiro Heitor Villa-Lobos.

Uma das constantes na busca poética de Alda do Espírito Santo são as imagens insulares e os elementos marinhos, a partir dos quais a poeta pinta cenas do cotidiano das mulheres são-tomenses, como no trecho a seguir:

Canoa frágil, à beira da praia,  
  
panos presos na cintura,  
uma vela a flutuar...  
Caleima, mar em fora  
canoa flutuando por sobre as procelas das águas,  
  
lá vai o barquinho da fome.  
  
Rostos duros de angolares

na luta com o gandu  
por sobre a procela das ondas  
remando, remando  
no mar dos tubarões  
p'la fome de cada dia.

Lá longe, na praia,  
na orla dos coqueiros,  
quissandas em fila,  
abrigando cubatas,  
izaquente cozido em panela de barro.  
(ESPÍRITO SANTO, 1978, p.49-50).

A imagem de uma feminilidade telúrica, remetendo à ancestralidade das origens africanas, também pode ser vislumbrada na obra de Alda do Espírito Santo. Ao contrário do imaginário europeu, que vê o arquétipo da Mãe-África de maneira abstrata e despersonalizada, por vezes quase que simplesmente conceitual, essa feminilidade emerge na voz da poeta a partir de imagens de mulheres concretas, como a das *mamãs* na lida com a venda de peixe, buscando em um comércio precário a luta para combater a fome própria fome, ao mesmo tempo que, ironicamente, colaboram para saciar a fome alheia:

Mamã caminhando p'ra venda do peixe  
e tu, na canoa das águas marinhas  
– Ai peixe à tardinha  
na minha baía  
mamã minha serena  
na venda do peixe  
pela luta da fome  
da gente pequena. (ESPÍRITO SANTO, 1978, p.48-49).

O universo lírico construído pela autora caracteriza-se também pela tônica na defesa dos desvalidos de seu país, dando especial atenção pelas crianças e pelas mulheres. Ganham espaço nesses versos as mães-pretas, subjugadas pelos padrões eternamente a colher o milho e a lidar nas plantações, sem se livrarem do árduo trabalho nem mesmo durante a gestação, dividindo as parcas forças entre o peso do ventre dilatado e o cabo das enxadas. Nesse contexto, o lirismo de Alda do Espírito Santo projeta performativamente, por meio da enunciação da crueza das realidades do seu tempo, um futuro de afeto e de esperanças projetadas na tematização da infância:

Criança minha  
Gerada de milhares  
De ventres  
Das raízes do mundo  
Eu queria escrever  
para ti.

[...]

Eu prosseguirei  
No meu sonho  
De tentar  
Construir para ti  
Uma história bela. (ESPÍRITO SANTO, 1978, p.42).

Maria Manuela Margarido, natural de Príncipe (1925-2007), é outra das vozes femininas a destacar-se na lírica de resistência a denunciar os abusos colonialistas no arquipélago africano. Publicou apenas um volume de poesias, intitulado *Alto como o silêncio* (MARGARIDO, 1957), embora tenha publicados poemas esparsos em antologias, das quais cabe destacar a *Antologia de poesia da Casa dos Estudantes do Império*. Os vínculos estéticos e ideológicos de sua poética alinham-se aos de outros autores, tais como Francisco José Tenreiro, em busca da constituição de uma identidade coletiva de veio anticolonialista e nacionalista. Em seus escritos, denuncia a exploração colonial, advinda particularmente da exploração pela metrópole portuguesa e pelo sistema de monoculturas cafeeiras e cacauceiras praticado nas ilhas:

#### MEMÓRIA DA ILHA DO PRÍNCIPE

Mãe, tu pegavas charroco  
nas águas das ribeiras  
a caminho da praia.  
Teus cabelos eram lemba-lembas  
agora distantes e saudosas,  
mas teu rosto escuro  
desce sobre mim.  
Teu rosto, liliácea  
irrompendo entre o cacau,  
perfumando com a sua sombra  
o instante em que te descobro  
no fundo das bocas graves.

Tua mão cor-de-laranja  
oscila no céu de zinco  
e fixa a saudade  
com uns grandes olhos taciturnos.

(No sonho do Pico as mangas percorrem a órbita lenta  
das orações dos ocás e todas as feiticeiras desertam  
a caminho do mal, entre a doçura das palmas).

Na varanda de marapião  
os veios da madeira guardam  
a marca dos teus pés leves  
e lentos e suaves e próximos.  
E ambas nos lançamos  
nas grandes flores de ébano  
que crescem na água cálida  
das vozes clarividentes  
enchendo a nossa África  
com sua mágica profecia. (MARGARIDO, 1957, p.16).

O eu-lírico que se projeta nos versos de Manuela Margarido enceta um olhar sobre mundo que se constitui por meio da enunciação de uma fratura no tempo e no espaço, conjugando o registro de uma visão intimista da realidade exterior e a busca de elementos da natureza. Tais elementos, antes de se transformarem em matéria poética para a construção de um projeto literário de caráter afirmativamente nacionalista, são submetidos a um processo semiótico que os utiliza como material de constituição de uma *persona* individual. Essa busca foi assumida pela própria escritora, em depoimento a Michel Laban (2002, p.119, grifo do autor):

Interrogo-me muitas vezes se sou uma escritora portuguesa ou africana. Acho que sou africana, porque os problemas do meu país e de todo o continente africano me interessam enormemente, mas também não sou indiferente ao que se passa em Portugal. Vivi lá muitos anos, passei grande parte da minha infância e a minha juventude em colégios portugueses e religiosos. De maneira que eu mesma me interrogo: **o que é que eu sou?**

Os motivos e temas de Manuela Margarido incluem o mundo do trabalho nas roças de cacau e café, bem como referências a uma figura feminina, de índole materna, que pode ser lida metonimicamente como o coletivo das mulheres trabalhadoras, ou metaforicamente, assinalando a enunciação poética de uma mãe arquetípica e telúrica, referência ancestral aos mitos da africanidade. Tais mitos

são de fundamental importância não apenas na poética de Margarido, mas, de maneira estendida, se encontram presentes nas primeiras insurreições poéticas de grande parte dos escritores fundadores das literaturas nacionais africanas de língua portuguesa. A mesma recorrência, sintomática, pode ser encontrada, por exemplo, nos poemas da moçambicana Noémia de Sousa.<sup>2</sup>

Em sua busca pela criação de um espaço poético, é possível vislumbrar também a recorrência ao tema da insularidade, presente já no próprio título do poema. Todavia, a insularidade surge com mais força no poema “Socopé”, no qual se alinham as referências à insularidade juntamente com referências explícitas à flora de Príncipe (“verdes longos da minha ilha”), aos árduos trabalhos nas roças (“copra, café ou cacau – tanto faz”). Ao final do poema, anuncia-se o desejo pela mudança social, manifesto pela oposição às arbitrariedades do colonialismo (“até explodir / na ânsia pela liberdade”):

#### SOCOPÉ

Os verdes longos da minha ilha  
são agora a sombra do oca,  
névoa da vida, nos dorsos dobrados sob a carga  
(copra, café ou cacau – tanto faz).  
Ouço os passos no ritmo  
calculado do socopé,  
os pés-raízes-da terra  
enquanto a voz do coro  
insiste na sua queixa  
(queixa ou protesto – tanto faz).  
Monótona se arrasta  
até explodir  
na alta ânsia de liberdade. (ACEI, 1994, p.322).

A partir da leitura dessas três vozes da lírica de São Tomé e Príncipe, podem-se delinear algumas observações pertinentes. A primeira delas diz respeito ao fato de que o diálogo das primeiras manifestações literárias do arquipélago esteve diretamente ligado ao desejo de construção de uma pátria livre do colonialismo. Ainda que relativamente isolados das outras colônias portuguesas em África, os interesses poéticos de Tenreiro, Espírito Santo e Margarido estavam sintonizados com as preocupações de outros intelectuais africanos de seu tempo. O diálogo, ainda que não favorecido pela geografia, tornou-se possível graças ao deslocamento

<sup>2</sup> A obra completa de Noémia de Sousa foi publicada postumamente pela Associação dos Escritores Moçambicanos, sob o título *Sangue negro*, com organização e fixação do texto realizadas por Nelson Saúte, Francisco Noa e Fátima Mendonça, em 2001.

desses escritores para Portugal, onde puderam travar contato com outros intelectuais da diáspora africana, de forma a incorporar em sua poesia um lirismo marcado pela busca da liberdade, autonomia e independência de sua nação.

ALÓS, A. P. Post-colonial lyrics: poetic expressions in Sao Tome and Principe. *Itinerários, Araraquara*, n.35, p.119-130, Jul./Dez., 2012.

■ **ABSTRACT:** *This paper aims to analyze some aspects of São Tomé and Príncipe's poetry, particularly the works of Francisco José Tenreiro, Alda do Espírito Santo and Maria Manuela Margarido, foundational voices when it comes to the poetry of this country. It is made here a reflection about the post-colonial memories and imaginary in the field of poetic writing. It is tried to understand the ways in which this poetry can collaborate for a decolonization of the imaginary in the literatures of the Portuguese ex-colonies, giving special attention to the case of São Tomé and Príncipe. The dialogical aspects between margins and center when it comes to the African poetry written in Portuguese are also observed in their relations with the post-colonial contingences.*

■ **KEYWORDS:** *São Tomé and Príncipe. Literature. Foundational poetics. Post-colonialism. Lusophony.*

## Referências

ASSOCIAÇÃO CASA DOS ESTUDANTES DO IMPÉRIO [ACEI]. **Antologia de poesia da Casa dos Estudantes do Império (1951-1963):** Angola – S. Tomé e Príncipe. Lisboa: Edição ACEI, 1994. v.1.

ANDRADE, M. P. de. **Antologia temática de poesia africana:** na noite grávida de punhais. Lisboa: Livraria Sá da Costa Editora, 1975. v.1.

ANDRADE, M. P. de; TENREIRO, F. **Poesia negra de expressão portuguesa.** Lisboa: África, 1982.

BHABHA, H. K. **O local da cultura.** Tradução de Myriam Ávila, Eliana Lourenço de Lima Reis, Gláucia Renate Gonçalves. Belo Horizonte: UFMG, 1998.

CASIMIRO, A. **Nova largada:** romance de África. Lisboa: [s.n.], 1929.

ESPÍRITO SANTO, A. do. **É nosso o solo sagrado da Terra.** Lisboa: Ulmeiro, 1978.

\_\_\_\_\_. **O jogral das ilhas.** São Tomé: Edição da Autora, 1976.

**FERREIRA, J. da S. M. Espontaneidades da minha alma.** Loanda: Imprensa do Governo, 1849.

FERREIRA, M. **Literaturas africanas de expressão portuguesa.** Lisboa: Instituto de Cultura Portuguesa, 1977. v.1.

FREIRE, M. da G. **A primeira viagem:** romance. Lisboa: [s.n.], 1952.

LABAN, M. S. **Tomé e Príncipe:** encontro com escritores. Porto: Fundação Eng. António Almeida, 2002.

LEMONS, J. de. **Almas negras.** Lisboa: Livraria Clássica, 1937.

MARGARIDO, M. M. **Alto como o silêncio.** Lisboa: Publicações Europa-América, 1957.

NEGREIROS, A. **Obra completa de Almada Negreiros.** Organização de Alexei Bueno. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 1997.

OLIVEIRA, J. O. de. **Roteiro da África.** Lisboa: Agência Editorial Brasileira, 1936.

PIRES, A. **Sangue cuanhama.** Lisboa: Agência Geral das Colônias, 1949.

RAPOSO, H. **Ana a Kalunga:** os filhos do mar. Lisboa: [s.n.], 1926.

SARMENTO, A. de. **Os sertões d'África.** Lisboa: Francisco Arthur da Silva, 1880.

SOUSA, N. de. **Sangue negro.** Organização e fixação do texto realizada por Nelson Saúte, Francisco Noa e Fátima Mendonça. Maputo: Aemo, 2001.

TENREIRO, F. J. **Coração em África.** Lisboa: África, 1982.

\_\_\_\_\_. **A ilha de São Tomé:** estudo geográfico. Lisboa: Junta de Investigações do Ultramar, 1961.

Recebido em: 17/01/2012

Aceito em: 18/12/2012